

ALINE DE JESUS COIMBRA
MÁRCIA MOREIRA DE ARAÚJO

O Corpo que Aprende, o Movimento que Inclui: **EDUCAÇÃO FÍSICA E AUTISMO**



ALINE DE JESUS COIMBRA
MÁRCIA MOREIRA DE ARAÚJO

**O CORPO QUE APRENDE,
O MOVIMENTO QUE INCLUI:
EDUCAÇÃO FÍSICA E AUTISMO**

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

São Mateus

2026

O corpo que aprende, o movimento que inclui: Educação física e autismo
© 2026, Aline de Jesus Coimbra e Márcia Moreira de Araújo.

Orientadora: Prof^a. Doutora Márcia Moreira de Araújo.

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC.

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing.

Diagramação: Ilvan Filho.

Imagens: Da autora, criadas com IA do ChatGPT (2026) e Adobe Stock.

DOI: 10.29327/5891301

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C679c Coimbra, Aline de Jesus.

O corpo que aprende, o movimento que inclui: educação física e autismo / Aline de Jesus Coimbra, Márcia Moreira de Araújo.

São Mateus, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2026.

41 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-65-6013-221-4

1. Educação inclusiva. 2. Alunos autistas. 3. Educação física. I. Araújo, Márcia Moreira de. II. Título.

CDD – 371.94

Bibliotecária: Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB 5/1956



SUMÁRIO

Apresentação	05
1. Introdução ao transtorno do espectro autista	07
1.1. Breve história do autismo	07
1.2. Breve contextualização sobre o autismo	08
1.3. Compreendendo o TEA	09
1.4. Símbolos do autismo e seus significados	10
1.5. Níveis de suporte do autismo	13
2. Educação inclusiva e legislação	15
2.1. Benefícios da educação física para estudantes autistas	18
2.1.1. O papel do(a) professor(a) de educação física	19
2.1.2. O papel do(a) professor(a) de atendimento educacional especializado	21
2.1.3. Papel dos(as) educadores(as) como apoio a estudantes inclusivos na escola	22
2.2. Desafios na implementação de práticas inclusivas na disciplina de educação física	23
2.3. Principais desafios vivenciados pelos educadores	26
3. Atividades no contexto da disciplina de educação física a estudantes autistas	29
Conclusão	32
Referências	33
As autoras	40



APRESENTAÇÃO

A inclusão não é apenas um direito garantido por lei, mas um compromisso humano com o respeito às diferenças e com a valorização da diversidade. Educar é acolher.
Incluir é transformar.

A inclusão escolar é um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das mais importantes conquistas da educação contemporânea. Quando se trata do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a escola passa a desempenhar um papel ainda mais significativo no desenvolvimento social, emocional, motor e cognitivo dos estudantes.

Neste contexto, a Educação Física Escolar surge como uma poderosa ferramenta de inclusão, socialização e desenvolvimento integral. Muito além das práticas esportivas, ela promove interação, autoestima, autonomia, coordenação motora e fortalecimento das relações interpessoais.





Este e-book apresenta reflexões sobre a experiência inclusiva de estudantes autistas acompanhados por educadores(as) de Educação Física em uma escola do município de São Mateus, no Espírito Santo. A obra aborda aspectos históricos do autismo, os principais símbolos relacionados ao TEA, os níveis de suporte, os desafios enfrentados pelos profissionais da educação e as estratégias que favorecem práticas inclusivas mais humanizadas.

Mais do que discutir dificuldades, este material busca destacar caminhos de superação, acolhimento e possibilidades pedagógicas capazes de transformar o ambiente escolar em um espaço verdadeiramente inclusivo.



1. INTRODUÇÃO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações na comunicação, na interação social e por padrões de comportamento repetitivos ou restritos. O termo “espectro” é utilizado porque o autismo pode se manifestar de diferentes formas e intensidades, variando de pessoa para pessoa.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo na discussão sobre inclusão escolar e acessibilidade educacional. As escolas passaram a buscar estratégias mais eficazes para acolher estudantes autistas, garantindo oportunidades de aprendizagem e participação social.

Dentro desse cenário, a Educação Física assume um papel essencial, pois contribui diretamente para o desenvolvimento motor, emocional e social dos estudantes, favorecendo experiências de convivência e interação.

1.1. BREVE HISTÓRIA DO AUTISMO

Os primeiros estudos sobre o autismo surgiram na década de 1940. O psiquiatra Leo Kanner descreveu crianças que apresentavam dificuldades de interação social, comunicação diferenciada e comportamentos repetitivos. Pouco tempo depois, Hans Asperger também realizou estudos semelhantes (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).



Durante muitos anos, o autismo foi cercado por preconceitos e falta de conhecimento. Famílias enfrentavam dificuldades para obter diagnóstico, acompanhamento e inclusão escolar (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

Com o avanço das pesquisas científicas, o entendimento sobre o TEA evoluiu significativamente. Atualmente, compreende-se que o autismo não é uma doença, mas uma condição neurológica que acompanha o indivíduo ao longo da vida.

A sociedade também passou por transformações importantes, especialmente no que se refere aos direitos das pessoas com deficiência, inclusão escolar e acessibilidade.

1.2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações no desenvolvimento neurológico, afetando principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento. O espectro é amplo, podendo variar entre níveis leves, moderados e severos de suporte. Algumas crianças conseguem desenvolver maior autonomia, compreender comandos e participar de atividades coletivas, enquanto outras apresentam maiores dificuldades na comunicação, socialização e adaptação às propostas pedagógicas (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

Atualmente, o autismo vem sendo amplamente discutido na sociedade e no contexto escolar, principalmente devido ao aumento dos diagnósticos e à necessidade de construção de práticas inclusivas mais eficazes. No Brasil, a



inclusão escolar da pessoa com TEA é garantida pela Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Além disso, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) assegura o direito à educação inclusiva, ao atendimento especializado e à permanência desses estudantes no ambiente escolar.

1.3. COMPREENDENDO O TEA

Cada pessoa autista possui características próprias. Algumas apresentam maior dificuldade de comunicação verbal, enquanto outras desenvolvem linguagem de forma funcional. Há estudantes que demonstram sensibilidade sensorial elevada, podendo se incomodar com sons, luzes, texturas ou excesso de estímulos (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

Entre algumas características frequentemente observadas no TEA, destacam-se:

- Dificuldade de interação social;
- Alterações na comunicação;
- Interesses específicos e intensos;
- Necessidade de rotina;
- Hipersensibilidade ou hipossensibilidade sensorial;
- Comportamentos repetitivos;
- Dificuldades motoras em alguns casos.



É importante compreender que o estudante autista possui potencialidades, capacidades e formas próprias de aprender. A inclusão escolar deve respeitar individualidades e promover oportunidades de participação.

1.4. SÍMBOLOS DO AUTISMO E SEUS SIGNIFICADOS

Quebra-cabeça

O símbolo do quebra-cabeça é um dos mais conhecidos relacionados ao autismo. Ele representa a diversidade, a complexidade e as singularidades presentes no espectro autista (Brites, 2026).



Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).



Fita Colorida do TEA

A fita colorida simboliza a diversidade existente entre pessoas autistas, destacando que cada indivíduo possui características únicas (Brites, 2026).



Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).



Símbolo do Infinito

Nos últimos anos, o símbolo do infinito passou a representar a neurodiversidade. Ele destaca o respeito às diferenças e a valorização das múltiplas formas de existir e aprender (Brites, 2026).



Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).



1.5. NÍVEIS DE SUPORTE DO AUTISMO

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) organiza o TEA em níveis de suporte.

Nível 1 – Exige apoio

A pessoa apresenta dificuldades leves de interação social e comunicação, necessitando de algum suporte para organização e adaptação social.



**NÍVEL 1
TEA LEVE**



NÍVEL 1- LEVE

Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).

Nível 2 – Exige apoio substancial

Existem dificuldades mais evidentes na comunicação, interação social e flexibilidade comportamental.



**NÍVEL 2
TEA MODERADO**



NÍVEL 2-MODERADO

Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).



Nível 3 – Exige apoio muito substancial

Há comprometimentos mais intensos relacionados à comunicação, interação e autonomia.



**NÍVEL 3
TEA SEVERO**



NÍVEL 3-SEVERO

Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).



2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E LEGISLAÇÃO

A inclusão escolar é garantida por diferentes legislações brasileiras que asseguram o direito à educação de qualidade para todos.

Entre os principais documentos legais destacam-se:

- Constituição Federal de 1988;
- Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015);
- Política Nacional de Educação Especial;
- Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012).

Essas legislações reforçam que estudantes autistas possuem direito ao acesso, permanência, aprendizagem e participação em igualdade de condições.

A escola inclusiva deve promover acolhimento, acessibilidade, adaptação pedagógica e respeito às diferenças. A legislação educacional brasileira, por meio da Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015 e das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelece a obrigatoriedade de um ensino que contemple a diversidade e promova a equidade no acesso às atividades escolares. Nesse sentido, compreender como os professores de Educação Física vêm implementando práticas pedagógicas inclusivas torna-se fundamental para avaliar a efetividade das políticas públicas e propor melhorias que favoreçam a inclusão de estudantes com deficiência.



Além disso, a pesquisa baseia-se na importância do desenvolvimento e aplicabilidade de novas práticas que venha contribuir com a realidade de inclusão de estudantes com TEA na disciplina de Educação Física. Estudos apontam que a participação ativa desses estudantes em atividades físicas favorece não apenas sua autonomia e coordenação motora, mas também contribui para sua socialização e autoestima (Sasaki, 2009; Cunha; Barbosa, 2019). No entanto, muitos professores ainda encontram dificuldades na adaptação das atividades, seja pela falta de formação específica, seja pela ausência de infraestrutura e recursos adequados nas escolas (Bonfat et al., 2025).

A inclusão escolar, segundo Mantoan (2003, p. 45), não se limita a integrar o(a) estudante ao espaço físico da escola, mas envolve a garantia de condições reais para que ele participe de forma ativa e significativa das atividades escolares. Para a autora, “incluir significa transformar a escola e as práticas pedagógicas, e não apenas adaptar o(a) estudante às condições já existentes” (Mantoan, 2003, p. 45). Nesse sentido, o(a) professor(a) de Educação Física tem o desafio de repensar constantemente suas metodologias para assegurar o direito à aprendizagem de todos os estudantes.

Vygotsky (1998) contribui para a compreensão desse processo ao afirmar que o desenvolvimento humano ocorre a partir das interações sociais mediadas. De acordo com o autor, “o aprendizado, desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com o outro” (Vygotsky, 1998, p. 117). Esse pressuposto reforça a importância do papel do(a) professor(a) como mediador(a), principalmente no caso de estudantes autistas, que necessitam de mediações específicas para que suas potencialidades sejam mobilizadas.



Outro aporte relevante é a teoria da autoeficácia, desenvolvida por Bandura (1997), que se refere às crenças que o indivíduo tem sobre sua capacidade de organizar e executar ações necessárias para alcançar determinados desempenhos. Conforme o autor, “as crenças de autoeficácia influenciam diretamente a motivação e a persistência diante das dificuldades” (Bandura, 1997, p. 39). No campo da inclusão, isso significa que professores(as) com maiores níveis de autoeficácia tendem a buscar alternativas mais criativas e persistentes para superar barreiras, enquanto aqueles com baixa autoeficácia podem sentir-se incapazes de enfrentar os desafios.

No âmbito específico da Educação Física, Alves, Minho e Diniz (2014, p. 76) destacam que a gamificação e a adoção de estratégias lúdicas podem favorecer a participação de estudantes com deficiência e TEA, uma vez que ampliam o engajamento e possibilitam diferentes formas de expressão. Segundo os autores em questão, “o jogo, quando mediado pedagogicamente, não é apenas diversão, mas uma estratégia de aprendizagem que pode incluir e transformar” (Alves; Minho; Diniz, 2014, p. 76). Esse argumento evidencia a relevância de práticas criativas no processo de superação das dificuldades enfrentadas pelos(as) professores(as) de Educação Física. Além disso, estudos demonstram que a formação docente ainda constitui um desafio significativo para a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais. Glat e Pletsch (2007) destacam que a construção de uma escola inclusiva depende da articulação entre educação especial e educação inclusiva, enfatizando a preparação dos profissionais para lidar com a diversidade. Complementando, Pletsch (2009) aponta que políticas e programas de formação continuada são fundamentais para oferecer suporte aos professores(as), garantindo práticas pedagógicas inclusivas mais seguras e efetivas.



A Educação Física Escolar possui papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes autistas. As aulas possibilitam experiências corporais, sociais e emocionais que favorecem a inclusão.

Por meio de jogos, brincadeiras, circuitos motores e atividades recreativas, os estudantes desenvolvem habilidades importantes para a convivência social.

O educador físico torna-se mediador desse processo, criando estratégias que permitam participação, interação e respeito às individualidades.

A inclusão na Educação Física não significa apenas permitir a presença do estudante na aula, mas garantir participação efetiva, acolhimento e valorização de suas capacidades.

2.1. BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ESTUDANTES AUTISTAS

A prática da Educação Física proporciona inúmeros benefícios aos estudantes com TEA.

• Desenvolvimento motor

As atividades corporais auxiliam na coordenação motora, equilíbrio, lateralidade, noção espacial e consciência corporal.

• Socialização

Os jogos coletivos e brincadeiras favorecem interação social, comunicação e construção de vínculos.



- **Controle emocional**

A prática de atividades físicas contribui para redução da ansiedade, melhora da concentração e diminuição do estresse.

- **Desenvolvimento da autonomia**

As experiências corporais ajudam o estudante a desenvolver independência e confiança.

- **Organização comportamental**

Rotinas estruturadas e atividades planejadas auxiliam no controle de comportamentos repetitivos e na adaptação ao ambiente escolar.

- **Melhora da autoestima**

A participação nas atividades fortalece o sentimento de pertencimento e valorização pessoal.

2.1.1. O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O(a) professor(a) de Educação Física ocupa posição estratégica no processo de inclusão escolar de estudantes autistas. Sua prática pedagógica se dá em um espaço marcado por movimento, interação social e desafios motores, o que exige sensibilidade para lidar com a diversidade.

Pereira (2023) aponta que, apesar da relevância desse papel, muitos docentes relatam insatisfação com a formação inicial, destacando lacunas quanto ao conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista e sobre estratégias metodológicas inclusivas. Essa limitação evidencia a necessidade de formação



continuada, capaz de subsidiar o docente com práticas adaptadas e recursos pedagógicos diferenciados.

Silva, Alves e Correia (2018) reforçam que o(a) professor(a) de Educação Física enfrenta barreiras estruturais, como falta de materiais e excesso de estudantes por turma, mas ainda assim precisa desenvolver alternativas pedagógicas que assegurem a participação de todos. O(A) professor(a) não apenas adapta atividades motoras, mas também deve mediar relações sociais, favorecendo a interação entre os(as) estudantes com e sem práticas especiais. Assim, sua atuação transcende o campo técnico e se insere em um compromisso ético e social, que busca consolidar a inclusão como prática cotidiana.

Nesse contexto, como ressaltam Cunha e Barbosa (2019), o(a) docente que acredita no processo inclusivo busca estratégias para garantir que o(a) estudante com TEA esteja presente de forma efetiva, e não apenas física, nas aulas. A inclusão, portanto, não se reduz à adaptação de exercícios, mas implica criar um ambiente de acolhimento, engajamento e respeito à singularidade de cada estudante. Isso reafirma o(a) professor(a) de Educação Física como protagonista na construção de uma escola inclusiva.

Com o amparo da legislação da educação especial e inclusiva é importante e essencial, no entanto, a aplicabilidade para as aulas de Educação Física, normalmente são feitas de constantes desafios. As escolas são munidas de professores de AEE, que também é parte fundamental no auxílio a inclusão dos(as) estudantes uma integração no ambiente escolar importante. Os (As) professores(as) em questão têm atuação ativa no processo educacional inclusivo.



2.1.2. O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Na Educação Especial e Inclusiva, o(a) professor(a) de AEE atua como articulador entre o ensino regular e as especificidades de cada estudante com deficiência ou transtorno. De acordo com Loiola e Sousa (2025), sua função central é eliminar barreiras à aprendizagem, promovendo o acesso a estratégias diferenciadas, materiais adaptados e metodologias que favoreçam a autonomia. O AEE, longe de ser um espaço paralelo, complementa e enriquece o processo escolar, garantindo que os estudantes com necessidades específicas possam usufruir plenamente do currículo comum.

No entendimento de Jonathan (2019), os(as) professores(as) de AEE não se limitam a ofertar suporte pedagógico individualizado, mas também fomentam uma cultura inclusiva na escola. Isso significa promover o trabalho colaborativo entre docentes, gestores e familiares, valorizando a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo. Essa articulação é fundamental, uma vez que fortalece a prática do(a) professor(a) regente e amplia a rede de apoio ao estudante.

Por sua vez, estudos como os de Glat e Pletsch (2007) reforçam que a construção de uma escola inclusiva depende diretamente da articulação entre educação especial e educação inclusiva, bem como da preparação dos profissionais para lidar com a diversidade. O(a) professor(a) de Atendimento Educacional Especializado(AEE), portanto, não apenas adapta recursos, mas também contribui para transformar a mentalidade escolar, desconstruindo práticas excludentes e promovendo novas formas de ensinar e aprender. Nesse



sentido, ele atua como agente de mediação pedagógica e cultural, capaz de potencializar a inclusão como direito e prática efetiva.

No contexto escolar, a inclusão ainda se apoia em profissionais de suporte, como os(as) educadores(as), que acompanham permanentemente os estudantes que necessitam de atenção adicional. Pletsch (2009) ressalta que programas de formação continuada e políticas de apoio são essenciais para fortalecer essas práticas, garantindo a efetividade do processo inclusivo.

2.1.3. PAPEL DOS(AS) EDUCADORES(AS) COMO APOIO A ESTUDANTES INCLUSIVOS NA ESCOLA

Os (As) educadores(as), também chamadas de profissionais de apoio, desempenham papel essencial no cotidiano da inclusão escolar. De acordo com Silva (2023), esses profissionais são responsáveis por apoiar estudantes em atividades de vida diária, como higiene, alimentação e locomoção, garantindo condições básicas para que a permanência na escola seja viável. Seu papel vai além do assistencialismo, pois envolve também a criação de vínculos afetivos e a oferta de segurança emocional, que são indispensáveis ao processo de aprendizagem.

Laurett (2024) reforça que os(as) educadores (as) são parte indispensável da engrenagem escolar inclusiva, pois possibilitam que o(a) professor(a) se dedique às questões pedagógicas, enquanto elas asseguram o suporte prático. No entanto, essa função ainda carece de maior valorização profissional, seja na remuneração, seja na formação. A falta de clareza institucional sobre seus limites e possibilidades muitas vezes gera sobrecarga ou invisibilidade no trabalho realizado.



Segundo Salvino e Abrantes (2021), Os(as) educadores (as) cumprem função prevista em políticas públicas, mas encontram dificuldades devido à ausência de regulamentações consistentes. Mesmo assim, sua presença na escola é decisiva para a efetivação da inclusão, já que oferecem apoio direto ao estudante com deficiência, o(a) professor(a) regente e até as famílias.

Dessa forma, o trabalho dos(as) educadores(as) deve ser compreendido como parte de uma prática pedagógica mais ampla, em que o cuidado se integra ao ensino, contribuindo para a promoção da cidadania e da dignidade dos(as) estudantes.

Importante esclarecer que, os três papéis, do(a) professor(a) de Educação Física, do(a) professor(a) de AEE e dos(as) educadores(as), não se sobrepõem, mas se complementam. Juntos, eles formam uma rede de suporte que viabiliza a inclusão escolar de estudantes autistas, enfrentando as dificuldades cotidianas e promovendo superações que transformam tanto a vida dos(as) estudantes quanto as práticas da escola.

2.2. DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Mesmo com as estratégias conhecidas, autores brasileiros registram vários desafios práticos, institucionais e culturais que dificultam a implementação plena da inclusão nas aulas de Educação Física.

Um dos problemas mais frequentes é a formação inadequada ou insuficiente dos(as) professores(as). Teixeira e Daronco (2022) mostram que



muitos professores(as) não possuem preparo específico para trabalhar com TEA, desconhecem características do transtorno, ou não sabem como adaptar conteúdos ou gerenciar comportamentos diversificados.

Outro desafio relevante é a limitação de recursos materiais e de infraestrutura. Nos estudos nacionais, professores(as) relatam ausência de equipamentos adaptados ou modificados, espaços físicos inadequados, falta de suporte pedagógico ou tecnológico para promover adaptações eficazes. O estudo de Estratégias para inclusão (Basso-Braz et al., 2024) ressalta que mesmo quando há vontade do(a) professor(a), a falta de recursos impede colocar em prática adaptações planejadas.

As atitudes e concepções dos(as) docentes, da comunidade escolar e dos(as) estudantes típicos aparecem como barreiras significativas. Em Inclusão dos(as) estudantes com transtorno do espectro autista nas aula de Educação Física (Lima, 2023), observa-se que alguns professores ou colegas têm expectativas baixas em relação aos estudantes com TEA, ou ainda reproduzem estigmas e falta de reconhecimento das potencialidades individuais.

Também há problemas relativos à sobrecarga de trabalho, tempo insuficiente para planejamento e falta de suporte institucional. Professores(as) apontam que além de ministrar muitas aulas, precisam lidar com turmas grandes, falta de auxiliares, ausência de políticas escolares claras que apoiem a inclusão, o que dificulta adaptar de maneira consistente. Por exemplo, o estudo de Lima (2023) no IFES (São Mateus-ES) aponta que a falta de capacitação e de apoio do poder público são entraves centrais.



Outro desafio é a distância entre teoria e prática: documentos legais e normativos garantem a inclusão, mas muitas vezes não há diretrizes claras para sua aplicação em Educação Física, ou exemplos práticos suficientes. Consequentemente, os(as) professores(as) ficam impossibilitados(as) de saber exatamente como proceder para adaptar suas aulas, quais práticas são recomendadas especificamente para TEA ou outras deficiências. A revisão sistemática de Basso-Braz et al. (2024) e também o trabalho de Martello, Silveira e Carvalho Júnior (2021) indicam que há uma carência de publicações que mostrem práticas efetivas e replicáveis no contexto escolar.

A pesquisa de Capellini e Rodrigues (2020) demonstra que o trabalho interdisciplinar é determinante para o sucesso da inclusão na Educação Física, pois permite alinhar os objetivos pedagógicos com os clínicos e terapêuticos. Essa integração viabiliza o uso de estratégias de comunicação alternativa, como pictogramas e sistemas PECS, e favorece a generalização das aprendizagens para outros contextos da vida cotidiana. O(A) professor(a), ao compreender as orientações dos(as) profissionais da saúde e do AEE, pode ajustar as dinâmicas das aulas, reduzindo estímulos sonoros e visuais excessivos e valorizando as rotinas estruturadas. Assim, o ambiente se torna mais previsível e menos ansiogênico, o que contribui para o engajamento e o bem-estar dos(as) estudantes autistas.

Por fim, Cristino; Chasseraux e Souza (2023) enfatiza que a interdisciplinaridade na Educação Física escolar deve ser entendida como uma prática ética e coletiva, orientada pela corresponsabilidade e pela escuta ativa entre os profissionais. Essa perspectiva está alinhada às diretrizes do Ministério da Saúde (Brasil, 2021) e da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), que



reconhecem a integração entre saúde e educação como pilar essencial para a atenção às pessoas com TEA. A escola, portanto, torna-se um espaço de articulação entre saberes e práticas que promovem a equidade, o respeito à diversidade e a autonomia. A experiência interdisciplinar potencializa o processo de ensino-aprendizagem e reafirma o papel social da Educação Física como promotora de cidadania e inclusão.

2.3. PRINCIPAIS DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS EDUCADORES

Os profissionais da Educação Física enfrentam diferentes desafios no processo inclusivo.

Entre eles, destacam-se:

- Falta de formação específica;
- Escassez de materiais adaptados;
- Turmas numerosas;
- Dificuldades de comunicação;
- Resistência à participação em algumas atividades;
- Ausência de apoio multidisciplinar;
- Limitações estruturais da escola.

Apesar dessas dificuldades, muitos educadores desenvolvem estratégias criativas e humanizadas para garantir inclusão e participação dos estudantes.



A experiência prática demonstra que o acolhimento, a observação sensível e a construção de vínculos fazem grande diferença no desenvolvimento dos estudantes autistas.

Quanto as estratégias pedagógicas inclusivas, a inclusão escolar requer planejamento e adaptação das práticas pedagógicas.

Algumas estratégias importantes incluem:

- **Uso de rotinas visuais**

Cartazes, imagens e sequências ajudam na compreensão das atividades.

- **Adaptação das atividades**

As propostas podem ser ajustadas conforme as necessidades do estudante.

- **Comunicação simples e objetiva**

Instruções claras facilitam compreensão e participação.

- **Respeito ao tempo do estudante**

Cada criança possui ritmo próprio de aprendizagem e adaptação.

- **Incentivo positivo**

O reconhecimento das conquistas fortalece autoestima e motivação.

- **Ambiente acolhedor**

Espaços organizados e previsíveis reduzem ansiedade e favorecem participação.

- **Trabalho colaborativo**

A parceria entre professores, família e equipe pedagógica fortalece o processo inclusivo. A inclusão efetiva depende da parceria entre escola e família.



A família contribui compartilhando informações importantes sobre rotina, preferências, dificuldades e estratégias que ajudam no desenvolvimento do estudante.

A escola, por sua vez, deve manter diálogo constante, promover acolhimento e construir práticas pedagógicas inclusivas.

Quando existe colaboração entre todos os envolvidos, os resultados tornam-se mais positivos e significativos. Em muitas escolas, os educadores relatam que o processo de inclusão inicialmente gera insegurança, medo e dúvidas. No entanto, ao longo da convivência, surgem aprendizados transformadores.

Diversos estudantes autistas que inicialmente apresentavam dificuldades de participação passaram a interagir mais, demonstrar interesse pelas atividades e desenvolver habilidades motoras e sociais.

Os profissionais também relatam crescimento pessoal e profissional ao compreenderem que inclusão não é apenas adaptação de atividades, mas construção de relações humanas baseadas no respeito, empatia e acolhimento.

A superação ocorre diariamente, tanto para os estudantes quanto para os educadores, que aprendem juntos a transformar desafios em possibilidades.



3. ATIVIDADES NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA A ESTUDANTES AUTISTAS

Durante as observações, algumas atividades demonstraram maior aceitação e participação dos estudantes autistas, especialmente daqueles com níveis 1 e 2 de suporte. Entre elas destacam-se algumas sugestões de atividades práticas.

a) Atividades práticas educação física para autistas



• Circuitos motores



• Brincadeiras com bolas



• Jogos de imitação



• Atividades com música e ritmo



• Dinâmicas em dupla



• Jogos cooperativos



• Atividades com comandos simples e objetivos



• Brincadeiras com cores e movimentos

Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).



Essas atividades favorecem a interação social, a coordenação motora, a comunicação e o desenvolvimento da autonomia. Já os estudantes com maiores níveis de suporte demonstraram maior interesse por estímulos visuais e tecnológicos, especialmente jogos eletrônicos e recursos digitais. Foi possível perceber que atividades envolvendo telas, imagens, sons e jogos educativos conseguem prender mais a atenção dessas crianças e favorecer momentos de interação.

b) Atividades com jogos na educação física para autistas.

Para estudantes com maiores dificuldades de interação e comunicação, algumas estratégias tecnológicas podem auxiliar no desenvolvimento da atenção e da socialização:

Sugestões de Jogos Eletrônicos e Recursos Tecnológicos na Educação Física para autistas





Fonte: criado pela autora e gerado pela IA ChatGPT (2026).

Tais recursos podem ser utilizados como ferramenta complementar no processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social.



CONCLUSÃO

A inclusão de estudantes autistas nas aulas de Educação Física representa um importante avanço para a construção de uma educação mais humana e democrática. Embora existam desafios estruturais, pedagógicos e sociais, as experiências inclusivas demonstram que é possível promover participação, desenvolvimento e aprendizagem quando há compromisso, sensibilidade e planejamento.

A Educação Física possui enorme potencial transformador, contribuindo não apenas para o desenvolvimento motor, mas também para fortalecimento emocional, social e afetivo dos estudantes.

Mais do que ensinar movimentos, o educador inclusivo promove pertencimento, respeito e valorização das diferenças.

Que este material possa contribuir para reflexões, práticas pedagógicas e fortalecimento da inclusão escolar em São Mateus-ES e em tantas outras realidades educacionais.



REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn Rosalina Gama; MINHO, Marcelle Rose da Silva; DINIZ, Marcelo Vera Cruz. **Gamificação: diálogos com a educação.** seção 3. p. 75-94. 2014. São Paulo. Pimenta Cultural. Disponível em:(PDF) Gamificação: diálogos com a educação no eBook “Gamificação na Educação” que reúne artigos de pesquisadores sobre Gamificação. Acesso em: 10 set. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm>. Acesso em: 3 out. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AUTISMO (ABRA). **Guia de apoio a educadores e famílias sobre o Transtorno do Espectro Autista.** São Paulo: ABRA, 2023. Disponível em: <https://abraautismo.org.br>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BANDURA, Albert. **Self-efficacy: The exercise of control.** New York: Freeman, 1997. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1997-08589-000>. Acesso em: 3 out. 2025.

BASSO-BRAZ, Aline; GATTI, Melina Radaelli; MUNSTER, Mey de Abreu Van; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Estratégias para a inclusão de estudantes com deficiências na educação física escolar: uma revisão sistemática. **Movimento: Revista da Escola de Educação Física**, v. 30, 2024, e30021. Dis-



ponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/T8J7hDLympVf4WRrnMvJqD/>. Acesso em: 07 out. 2025.

BONFAT, Daniela Lima; CARVALHO, Ingrid Rosa; FREITAS, Rayanne Rodrigues de; MARTINS, João Filipe da Silva Figueira; CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de. A formação inicial de professores de Educação Física na perspectiva inclusiva no Brasil e em Portugal. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 1–35, 2025. DOI: 10.21713/rbpg.v19i40.2037. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/2037>. Acesso em: 28 set. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: Lei Do Autismo | LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012 | Jusbrasil. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: Lei n. 13.146/2015: Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência : Estatuto da pessoa com deficiência [gravação de som]. Acesso em: 19 maio 2025.



BRITES, Luciana. **História e Símbolos do autismo**. Instituto Neurosaber. 2026 Disponível em: Símbolos do autismo: entenda o significado das cores e designs. Acesso em: 10 abr 2026

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; RODRIGUES, André Luís Silva. A interdisciplinaridade na formação docente e o ensino inclusivo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 3, p. 547-563, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee>. Acesso em: 10 set 2025.

CRISTINO, Bruno; CHASSERAUX, Jaqueline Gonçalves Bonini; SOUZA, Matheus Ferreira de. Práticas inclusivas na Educação Física: reflexões sobre a formação docente e o atendimento a estudantes com deficiência. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 45-58, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8428045>. Acesso em: 07 out. 2025.

CUNHA, Andreline Limas Soares da; BARBOSA, Marily Oliveira. **A atuação do(a) professor(a) de Educação Física em relação à inclusão escolar de estudantes com TEA**. In: Congresso brasileiro de atividade motora adaptada, 2019, Belém. Anais [...]. Belém: Doity, 2019. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/cbama2019/trabalho/116275>. Acesso em: 18 set. 2025.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. Educação inclusiva e educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 343-356, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/678>. Acesso em: 10 out. 2025.



JONATHAN, Aldrin. **Professores de AEE na criação de uma cultura inclusiva nas escolas**. Diversa, 2019. Disponível em: <https://diversa.org.br/noticias/professores-aee-cultura-inclusiva-escolas/>. Acesso em: 29 set. 2025.

LAURETT, Margareth Alcantara Pinto. **A importância do cuidador na Educação Especial e Inclusiva**: possibilidades e potencialidades. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Pedagogia. Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/xmlui/handle/123456789/5858>. Acesso em: 26 set. 2025.

LIMA, Marianna Teixeira. **Desafios e perspectivas na inclusão nas aulas de Educação Física de estudantes autistas no Ensino Fundamental em uma escola pública de São Mateus-ES**. 21 f. Trabalho Final de Curso (Pós-Graduação em Práticas Educacionais) São Mateus: Instituto Federal do Espírito Santo, [2023]. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/5133?show=full>. Acesso em: 7 out. 2025.

LOIOLA, Ane Ellen da Costa Sousa; SOUSA, Anayllen da Costa. Estratégias de ensino e aprendizagem para estudantes com deficiência no AEE: uma revisão bibliográfica. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 12, n. 28, p. 36-49, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/pdres.v12i32.22521>. Acesso em: 25 set. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025. Cercomp UFG.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-11**. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://icd.who.int>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MARTELLO, Barbara Souza; SILVEIRA, Renata dos Santos; CARVALHO JUNIOR, Arlindo Fernando Paiva de. Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista: uma análise das publicações do CBCE entre 2009 e 2019. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, SP, v. 22, n. 1, p. 195–216, 2021. DOI: 10.36311/2674-8681.2021.v22n1.p195-216. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/10485>. Acesso em: 7 out. 2025.

PEREIRA, Karoline Campos. **O papel do(a) professor(a) de Educação Física na inclusão de estudantes com o transtorno do espectro autista na escola: uma revisão de literatura**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, Naturais, Saúde e Tecnologia, Pinheiro, 2023. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/7195/1/KAROLINE-CAMPOSPEREIRA.pdf>. Acesso em: 07 out. 2025.

PLETSCH, Márcia Denise. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisa. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5233>. Acesso em: 10 out. 2025.

SALVINO, Francisca Pereira; ABRANTES, Maria do Socorro Oliveira. Política de currículo para educação especial e o papel do/a cuidador/a educacio-



nal na escola. **Revista Inclusiones**, v. 8, n. esp., p. 301-318, 2021. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3126>. Acesso em: 15 set. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997. Disponível em (cópia digital/arquivo): <https://archive.org/details/inclusaoconstrui0000sass> e em repositórios/PDFs: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf. Acesso em: 08 out. 2025. Internet Archive+1

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular**: Entenda o Autismo. Fontanar. 2012. Disponível em: Mundo Singular - Entenda o Autismo. Acesso em: 22 abr 2026.

SILVA, Michele. Percepção do cuidador educacional sobre o processo de inclusão das crianças com deficiência no ensino público do município de Camaçari/BA. **Revista Educação Inclusiva em Debate**, v. 3, n. 2, p. 145-160, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/educacaoInclusiva/article/view/9227>. Acesso em: 19 set. 2025.

SILVA, Geovana Torres da; ALVES, Maria Clara da Costa; CORREIA, Messaque Silva. **A Educação Física na esteira da Educação Inclusiva**: o papel do(a) professor(a) de Educação Física junto aos estudantes autistas. In: Encontro nacional de língua, arte e cultura, 2., 2018, Teresina. Anais [...]. Teresina: UFPI, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2018/443-53825-26112018-210831.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.



TEIXEIRA, Raquel Pessoa; DARONCO, Luciane Sanchotene Etecheper. **Desafios e possibilidades na inclusão de estudantes e alunas com TEA nas aulas de Educação Física**. 2022. Artigo. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.33053>. Acesso em: 20 set. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: VYGOTSKY - A Formação Social Da Mente | PDF. Acesso em: 20 ago. 2025.



AS AUTORAS

ALINE DE JESUS COIMBRA

GRADUAÇÃO: Educação Física - Universidade Pitágoras – UNOPAR - 2018.

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: Especialista em Educação Física Escolar - Faculdade Pitágoras - UNOPAR – 2019.

Especialista em Educação Especial - Faculdade Pitágoras - UNOPAR – 2020.

PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: Mestre em Ciência Tecnologia e Educação – Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC – 2026.

CURSOS DE CURTA DURAÇÃO:

Educação e Inclusão - Qualificar ES – 2021.

Educação Especial Especializada - Qualificar ES – 2021.

Tecnologias Educacionais - Qualificar ES – 2022.

Atendimento Educacional Especializado - Qualificar ES - 2023.





MÁRCIA MOREIRA DE ARAÚJO

PÓS-DOUTORADO: Políticas Sociais (PPGPS) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)-RJ.

DOUTORADO: Educação PPGE- Universidade Federal do Espírito Santo (2016).

MESTRADO: Educação pelo PPGE - Universidade Federal do Espírito Santo (2010)

GRADUAÇÃO: Ciências Biológicas pelo Centro Universitário São Camilo - ES (2002) e Pedagogia pela UNISA-SP.

PESQUISADORA

NIPEEA-UFES-ES.

Professora e orientadora de pesquisas a nível de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré- São Mateus - ES.

Educadora efetiva da rede municipal de educação de Piúma - desde 1991 e Professora/bióloga da rede estadual de educação-SEDU-ES.

Temas de interesse: Educação ambiental - ensino de biologia - diversidade cultural- Interseccionalidade - investigação científica- práticas educativas- inclusão, protagonismo do estudante e mediação do educador- Novas tecnologias na educação.



ISBN: 978-65-6013-221-4

DIÁLOGO
EDITORIAL

